

BULLYING: QUE BICHO É ESSE?

GIZELA BASTOS DA MOTA ALMEIDA¹

SÚSIA SOARES RIBEIRO²

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar o fenômeno do bullying no ambiente escolar, partindo de um universo mais abrangente, com o abordar das origens e da escalada do desse fenômeno na história, suas especificidades e formas recentes para se chegar a um âmbito mais restrito, com a realidade brasileira, representada por uma unidade escolar no interior goiano. Finalmente, ocorre a tabulação dos dados obtidos e a formulação de conceitos que caracterizam o objetivo primordial deste texto. Estudado por considerável fundamentação teórica e com o subsídio sempre importante de uma pesquisa de campo, o texto permitiu que a Autoria chegasse a conclusões que refletem a realidade, conclusões essas nem sempre animadoras. O que chama a atenção para a necessidade de trabalhos similares, uma vez que, sem o registro do problema, é impossível combatê-lo.

Palavras-chave: Bullying. Educação. Violência.

Abstract: The purpose of this study is to analyze the phenomenon of bullying at school, from a wider universe, with the address of the origins and rise of this phenomenon in history, its specificities and recent forms to reach a narrower, with Brazilian reality, represented by a school unit within Goiás. Finally, there is a tabulation of the data and formulate concepts that characterize the primary objective of this text. Studied by considerable theoretical and always with the allowance of an important research field, the text allowed the author arrives at conclusions that reflect reality, these conclusions are not always rosy. What draws attention to the need for similar work, since, without a record of the problem, it is impossible to combat it.

Keywords: Bullying. Education. Violence.

¹ licenciada Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás, Especialista em Docência Universitária pela UEG- FUNCER, Especialista em Gestão Estratégica em Educação pela Faculdade Montes Belos, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de São Luís de Montes Belos, coordenou o projeto de Pesquisa - **BULLYING: VIOLÊNCIA NA ESCOLA – 2010**, professora e coordenadora do curso de Pedagogia da Faculdade Montes Belos, professora dos cursos de pós-graduação *lato sensu* da Faculdade Montes Belos.

² Susia Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás, participante do projeto de pesquisa **BULLYING: VIOLÊNCIA NA ESCOLA**

INTRODUÇÃO

. É mais do que evidente, ou pelo menos deveria ser, que ao se analisar as consequências da violência não se pode considerar esse fenômeno como algo comum na sociedade. Descrever algo como “comum” leva facilmente a considerá-lo “normal”, e daí a se dizer que é “aceitável” a distância não é muita. O que ocorre é que, em algumas situações a que alguns indivíduos são forçados a enfrentar cotidianamente, submete-se a pessoa a aceitar ou a conviver com a violência. Não que essas pessoas venham a considerá-la “comum”, mas, por não encontrarem outra forma ou solução, simplesmente inserem-na, obrigatoriamente, na rotina de suas vidas.

Encontram-se acuadas e impotentes em relação ao que fazer para mudar essa realidade com que deparam. Odália (2004, p.15) diz a esse respeito: “Perceber um ato como violência demanda do homem um esforço para recuperar sua aparência de ato rotineiro natural e como que inscrito na ordem das coisas”.

Segundo o autor, o fato de o ser humano se acomodar faz com que as transformações ocorridas por meio de atos violentos pareçam cada vez mais normais, pela sua frequência visível na sociedade.

Designada a violência como sendo “um ato que não traz em si uma etiqueta de identificação” (ODÁLIA, 2004, p.23), pode ser considerada por algumas pessoas como uma fase ou processo da vida dentro do espaço educacional. Muitas vezes, a violência é vista ali da mesma forma, e muitos educadores não conseguem ou não querem diferenciá-la, caracterizando-a adequadamente. É o que ocorre recentemente e com mais frequência em relação à violência das brincadeiras sem graça denominadas no Brasil e em alguns outros países como “Bullying”.

MATERIAL E MÉTODOS

Embora a teoria seja indispensável num trabalho como este, em que se buscam as razões para a existência de determinado fenômeno, e o embasamento teórico seja de suma importância para a análise dos dados disponíveis, não se pode negar que, sem um mergulho na realidade, sem a devida observação de uma situação concreta, qualquer esforço fica comprometido pelo seu caráter excessivamente abstrato.

Neste caso, foram aplicados questionários em uma escola municipal, para avaliar, primeiramente, se os alunos têm conhecimento do que é bullying e se sabem defini-lo, para depois permitir que eles analisem situações concretas vivenciadas por eles diretamente ou por

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

colegas que eles conheçam e com quem convivam. Esse questionário, que se encontra em anexo, foi aplicado entre alunos de 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental I, e entre todos os professores da escola escolhida para a amostragem, a saber: Escola Municipal de São Luís de Montes Belos, que neste trabalho daremos o nome Escola A.

As respostas dos alunos, também em anexo, foram preservadas sem correções, isto é, apresentadas *ipsis literis*, da forma como foram redigidas, sem correções ortográficas ou de qualquer natureza, o que serve, para além das finalidades deste trabalho, para uma análise do grau de alfabetização e conhecimento da língua portuguesa desses alunos. Futuramente, pode ser um subsídio para estudos de outra natureza.

A escola São Vicente possui 216 alunos e 12 professores. A equipe administrativa é composta por 14 funcionários, sendo 02 coordenadores, 01 Diretor, 01 Secretário, 01 dinamizador, 01 vigia e 05 servidores de higiene e alimentos. A escola está situada numa zona periférica da cidade e o índice de agressão entre os alunos é considerável. A pesquisa é de cunho qualitativo, mesmo lançando mãos do quantitativo como forma de tabular os dados e estimar os índices de prática de bullying, presente no espaço em análise.

RESULTADOS E DICUSSÕES

O Que é e Como Surgiu o Bullying

Sendo uma definição universal, o bullying vem despertando cada vez mais a preocupação pelo seu crescimento. São comportamentos verbalmente agressivos, violentos, exercidos repetidamente contra uma pessoa durante um longo tempo, na intenção de demonstrar “poder” ou no desejo consciente de maltratar alguém (FANTE, 2005). Percebe-se um comportamento agressivo e anti-social de crianças e jovens, principalmente dentro do ambiente escolar.

Por ser um assunto já antigo, mas só agora questionado, não se tem data exata de quando surgiu esse fenômeno, mas há a certeza de que foi descoberto antes do século XXI e que “após a década de 1990 transformou-se em graves ações violentas como: assassinatos e suicídios trágicos e sequenciais de jovens, crianças e adolescentes” (FANTE, 2005, p. 45).

Toda essa violência desencadeada em décadas recentes gerou insegurança e preocupação, tanto para os pais (que se preocupam em como é a relação de seus filhos dentro da escola) como para a gestão escolar (que tem se preocupado em como agir para lidar com essa violência). O Bullying não é um problema novo, mas apenas recentemente passou a

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

ganhar mais atenção. Na maioria das vezes, vem disfarçado de brincadeira do tipo “sem graça” (NOVA ESCOLA, 2008, p. 35).

Para melhor compreensão desse fenômeno, volte-se ao início, quando a sociedade começou a percebê-lo.

O primeiro país a perceber esse fenômeno foi a Suécia na década de 1970, e logo os países vizinhos atentaram para o problema, mas o alcance da percepção ainda era muito restrito: na época, apenas os meios de comunicação e alguns professores e pais se preocuparam com este fenômeno. Foi por meio das pesquisas do Professor Dan Olweus, na Universidade de Bergem, Noruega, em 1978, que se iniciou o desenvolvimento de critérios para detectar o bullying com a análise da natureza e ocorrência das agressões (FANTE, 2008, p.16).

O pesquisador Dan Olweus [...], foi quem criou os primeiros critérios para que fosse possível identificar o fenômeno de forma mais específica [...] Originou-se então uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que conseguiu reduzir em 50% os casos de bullying nas escolas. Este fato influenciou outros países [...] que também promoveram campanhas de intervenção”.

Considerando a fala de vários autores, podemos perceber que, embora ainda não fosse reconhecido como um problema pelas autoridades, já se via uma mudança “brusca” de comportamento na escola. Mas isso ainda não era o suficiente para que as autoridades considerassem essa mudança de comportamento como um problema. Somente em 1982, por meio de jornais impressos, foi que se conscientizou a população, de maneira geral, quanto ao fenômeno lastimável que estava em andamento. O choque necessário para que a sociedade acordasse veio com o suicídio de três crianças de 3, 10 e 14 anos, no sul da Noruega, que possivelmente eram vítimas de maus-tratos da parte de seus colegas (FANTE, 2005).

Pesquisadores de todo o mundo têm posto em evidência a realidade do bullying, como afirma Fante (2005, p. 52).

O interesse pelo tema tem crescido a olhos vistos, o que se verifica pelo compromisso despertado nos participantes dos cursos [...] envolvendo-se eles na produção de rico material didático-pedagógico, participando de laboratórios de análise de dados e desenvolvimento de estratégias de combate ao bullying, e procurando adequá-las, com inteligência e sensatez, às suas realidades. Obviamente, pretende-se com isso incentivar o surgimento de novos pesquisadores e parceiros que se aliem a nós....

Essa parceria de educadores e pesquisadores tem demonstrado o crescimento avassalador do bullying, principalmente na 1ª fase escolar (1º e 5º ano). No Brasil, a

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

ocorrência nessa fase ainda é pouco comentada. Espelhado nas pesquisas elaboradas por outros países, os pesquisadores desenvolveram estudos divulgando o envolvimento de alunos brasileiros no fenômeno, e descobriu-se que, aqui, o índice é maior que na maioria dos outros países.

Hoje, o número de casos de bullying nas escolas tem aumentado assustadoramente, deixando a sociedade inquieta, uma vez que, entre tantos outros malefícios, o fenômeno acarreta a desqualificação do ambiente escolar.

Tipos de Bullying

O termo bullying é utilizado, em sentido mais restrito, para designar atos de violência, como vandalismo, agressão física, golpes, ferimentos, crimes, intervenções físicas. É um tipo de prática perversa, no qual predominam humilhações sistemáticas contra o outro, principalmente crianças e adolescentes, no ambiente escolar. Porém, quando se faz referência a esse fenômeno em trabalhos como o presente, trata-se de uma diversidade de atitudes e situações que caracterizam um problema social (FANTE, 2005).

Todos os tipos de Bullying causam situações constrangedoras e desconfortáveis tanto para quem sofre quanto para quem o pratica, pois acaba, de certa forma, coibindo e inibindo o indivíduo e, às vezes, marcando essas pessoas para toda a vida. Essas ações podem ser consideradas um mecanismo negativo de liderança em que, quase sempre, o indivíduo não percebe a intensidade do mal que está praticando. Via de regra, as ações trazem em si humilhação, palavras grosseiras e falta de respeito.

Segundo Guareschi e Silva (2008), esse comportamento pode ser classificado como direto e indireto, sendo que ambos os tipos são agressivos e prejudiciais às vítimas. O primeiro, o bullying direto, ocorre quando as vítimas são atacadas por práticas imediatas, por meio de apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal-estar aos atingidos. Este tipo ocorre com mais frequência entre meninos.

Já o bullying indireto ocorre quando as vítimas estão ausentes e os autores criam situações de divisão, discórdia, indiferença, agindo através da fofoca, manipulação de amigos, mentira, isolamento, difamação e discriminação, com o propósito de excluir a vítima de seu grupo social. Esse tipo de bullying é mais praticado por meninas.

Deve-se ressaltar que tais atitudes são tão importantes e carecem de tanto cuidado quanto as agressões físicas, pois também podem causar danos psicológicos e graves consequências (FANTE, 2005). Segundo a autora, esses comportamentos, tanto o direto

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

quanto o indireto, são extremamente prejudiciais ao indivíduo, uma vez que afetam o psicológico trazendo implicações profundamente marcantes que não raro provocam sequelas futuras.

Além desta classificação, pode-se subdividir o bullying de acordo com as diferentes formas por meio das quais ele é praticado, conforme os estudos de Fante, (2005). Atitudes como colocar apelidos em alguém, ofender, humilhar, insultar, ameaçar ou tachar pessoas como “inúteis” ou como “não servindo para nada” caracterizam uma forma verbal de bullying, em que os autores agridem as vítimas através de palavras e, principalmente, apelidos maldosos.

Outra forma de bullying ocorre por meio de violência física. Atacar repetidamente uma mesma pessoa (seja no seu corpo ou em algo que lhe pertença), agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar e quebrar pertences, são exemplos de atitudes violentas. Nesse caso, as consequências não são apenas psicológicas, mas podem causar ferimentos graves à vítima, sem falar nos prejuízos morais e mesmo materiais.

Assim como são expostas as classificações e formas de bullying, pode-se dizer que qualquer forma de violência, seja ela verbal ou física, acarreta sequelas que, muitas vezes, são irreversíveis, tirando a oportunidade de socialização e causando sérios problemas sociais ao indivíduo.

O bullying também é praticado por meio de comportamentos maldosos contra uma mesma pessoa. Discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tiranizar, dominar, danificar objetos pessoais, espalhar rumores e fofocas, fazer chantagem, comentários depreciativos sobre a família da vítima, o local de moradia ou de proveniência, aparência pessoal, orientação sexual, religião, raça, nível de renda, nacionalidade etc, são exemplos de comportamentos de autores de bullying.

Segundo Guareschi e Silva (2008), encontram-se também exemplos de três tipos de práticas simultâneas do bullying, ou seja, uma mesma pessoa pode ser vítima de agressões combinadas: verbal, física e de comportamentos maldosos em relação a ela. Uma menina entrevistada pelos autores contou sua experiência. Ela foi vítima de bullying durante toda a sua vida escolar, e viu tudo piorar quando tinha 14 anos. Nessa época, quando já estava cansada das agressões verbais e físicas sofridas, mudou de colégio. Entretanto, o novo ambiente não foi mais acolhedor. Pelo contrário, as pessoas continuaram a empurrá-la, gritar com ela e até roubar suas coisas. Ela parou de comer e entrou em depressão.

Observa-se que quando um problema ocorrido em um estabelecimento de ensino não é resolvido, e sim transferido para um outro lugar, a sua força aumenta, causando situações que

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

podem levar até a enfermidades, podendo causar, em casos extremos já registrados pelos estudiosos, até à morte. Como aconteceu com essa adolescente: imaginando que, se mudasse de colégio, teria seu problema solucionado, muito se enganou. O ideal não é fugir dos problemas, mas insistir em resolvê-los onde eles foram criados. É claro que, no caso de crianças e adolescentes, e mesmo de alguns adultos, é necessária ajuda.

Um outro tipo de bullying, mais atual e sofisticado, é o cyberbullying, (GUARESCHI e SILVA, 2008). É uma prática de violência que utiliza a internet e outras tecnologias de comunicação para humilhar, desprezar, ridicularizar, intimidar, excluir, ameaçar outras pessoas. Pode ocorrer por meio de mensagens ofensivas ou até de sérias difamações. Essa violência virtual, que pode parecer inofensiva, é capaz de gerar as mesmas consequências que outras formas de bullying. A diferença dessa última prática de difamação para as outras é a aparente garantia de impunidade e anonimato, visto que, devido a seu desconhecimento ou por ser mais recente, poucas pessoas recorrem à Justiça. No Brasil, aliás, agora é que se está trabalhando numa adequação das leis ao problema, pois não há uma legislação específica que puna os cybercriminosos.

O que não ocorre em países mais adiantados. Notícia Bydlowski (2008) que em Los Angeles, EUA, a pequena empresária Lori Drew, 49, sua funcionária Ashley Grills, 20, e a filha de Lori, Sarah, 13, entraram para a História como as primeiras pessoas condenadas por maltratar alguém num site de relacionamento. A vítima, Megan Méier, de 13 anos, não suportou as ofensas a ela dirigidas por meio de um perfil *fake* (falso) no MySpace e cometeu suicídio. Uma lei anti-hackers foi utilizada pela promotoria de Los Angeles, e Lori foi condenada a três anos de cadeia e a pagar uma multa de US\$ 300 mil. A funcionária, que ajudou a criar o perfil, pegou uma pena mais branda, e a filha, por ser menor de idade, teve de submeter a um acompanhamento psiquiátrico e a sessões de readaptação social por meio da ética. Independente das penas aplicadas – cujo excesso ou brandura não se discute aqui –, o importante é que o caso não ficou impune.

Tratando-se de violência on-line, é possível que haja dificuldades nas investigações, mas desde que haja dedicação e interesse em resolver o problema, é apenas uma questão de tempo para que as punições sejam determinadas e cumpridas, a exemplo de alguns países do Primeiro Mundo.

Como Detectar o Bullying nas Escolas?

A escola não é um local apenas de se ensinar a ler e a escrever, o ambiente escolar

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

desempenha um importante papel na formação da identidade do indivíduo.

[...] O ambiente tem grande importância e influencia no desenvolvimento do indivíduo, principalmente quando falamos em ambiente escolar, visto que é o local de formação da pessoa. Por esta razão, devemos pensar nas inúmeras consequências existentes também para o ambiente onde ocorre a prática deste tipo de ato violento [...] No entanto, fugir das agressões [...] não resolverá os problemas [...] (GUARESCHI e SILVA, 2008, p.67).

Quando relatada a possibilidade da existência do fenômeno bullying dentro de determinados ambientes escolares, muitas vezes isso não é reconhecido pela direção. Essa negação ocorre por uma das duas situações: ou realmente a Direção não sabe de sua existência, e quais são suas características, ou tenta esconder o fato, camuflar a situação, fugir do problema, receando as consequências a se enfrentar.

Fante (2005) observa que o primeiro passo é a conscientização do fenômeno. Em seguida, é necessária uma observação cuidadosa, que efetivará a detecção e o reconhecimento formal de sua existência. O terceiro e decisivo passo é reunir todos os segmentos que compõem o sistema educacional (gestão, professores, pais, secretaria da educação etc.) para determinar estratégias e agir sobre o problema.

Após exaustivas pesquisas e observações concernentes ao trabalho pioneiro do professor Dan Olweus, Fante afirma que o desenvolvimento do fenômeno bullying pode ser percebido por meio de conflitos e tensões entre os alunos, principalmente na hora do recreio, quando podem ser observadas entre os alunos interações verbalmente agressivas.

Em alguns casos, as brincadeiras sem graça têm características aparentemente inofensivas, como se fosse uma brincadeira entre alunos, principalmente do sexo masculino, uma forma de reafirmar sua virilidade por meio de falas grosseiras e brincadeiras idem. Mas isso pode evoluir para situações de bullying, quando uma das partes se sente aflita e incomodada com os epítetos que lhe são lançados, ou mesmo com as liberdades físicas indesejadas. Quando se percebe, o problema já se instalou.

É necessária uma conscientização de que o bullying é sempre desagradável, obviamente em maior grau para a vítima, mas o agressor não está livre de inconvenientes, uma vez que será sempre rotulado como uma pessoa desagradável, capaz de brincar com os sentimentos das pessoas e magoá-las, para dizer o mínimo. Nesse momento, mais de prevenção diante de um problema que apenas se delineia, o professor e os demais funcionários da escola têm que ser firmes. Não podem tolerar sequer a desculpa padrão dada por alguns alunos na fase inicial do bullying: “fulano não se importa com o apelido”. Mesmo

nesse caso, a prática precisa ser coibida (LAIO, 2007, p.45).

Caso isso não seja feito, os resultados podem ser lamentáveis.

A PESQUISA

Conhecendo a Realidade

Antes de qualquer outra consideração, é preciso salientar que é surpreendente o nível de desinformação com relação ao fenômeno estudado. Ao todo, foram aplicados 20 questionários, e apenas dois alunos disseram saber o que é bullying, tendo feito sua definição como “*falta de respeito para com o próximo, com brigas e xingamentos*” (no presente texto, ao contrário do que ocorre no anexo, as correções foram feitas, para que se tenha maior compreensão das respostas). Os outros 18 alunos admitiram não saber do que se trata, inclusive afirmando nunca terem ouvido falar a respeito. E, como é comum acontecer na faixa etária considerada, há aqueles que, mesmo não sabendo, arriscam palpites para não passarem por ignorantes. Três alunos se enquadram nessa categoria, afirmando acreditarem que se trata a) de um homem gordo, b) de um homem magro e c) do bullying de coar café (!).

À primeira vista, parece algo engraçado, mas na verdade é um tanto preocupante, visto que os alunos não têm a menor noção acerca de um tema que os atinge diretamente e que a maioria, mesmo desconhecendo a nomenclatura, já vivencia/vivenciou na própria pele. É de se questionar o papel dos professores nessa situação, uma vez que cabe a eles orientar, esclarecer e familiarizar os alunos com relação a fenômenos desse tipo. Esse pode ser, aliás, um bom tema para futuros estudos.

Instados a comentarem os casos de que têm conhecimento, os alunos listam alguns apelidos que ouvem dos colegas. Todas as referências são indiretas, ou seja, estão relacionadas a colegas e não à própria pessoa que presta depoimento, com exceção de dois. No primeiro caso, o aluno diz que um colega lhe chamou por um apelido e ele não gostou. No outro, um discente afirma ser chamado de “orelhudo” pelos colegas. Numa análise mais profunda, seria interessante descobrir o quanto esses apelidos marcam as vítimas, o nível do desconforto causado pelo apelido desagradável. Raramente, diga-se de passagem, o aluno leva “na esportiva” esse tipo de brincadeira de mau gosto, embora, quase sempre, finje não se importar, justamente para tentar evitar que a coisa assuma proporções maiores. Sintomaticamente, um dos entrevistados diz que “*é preciso ter paciência para aguentar*”, salientando que os colegas brigam por qualquer coisa, inclusive por causa de um boné ou

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

outros objetos.

Mas é nas respostas à pergunta que trata dos expedientes utilizados pelas professoras para coibir o comportamento agressivo dos alunos que se encontram as afirmações mais interessantes. Na verdade, a atitude da professora – que deveria ser a autoridade absoluta em sala de aula, dona do respeito (nunca medo) dos alunos – deixa muito a desejar, conforme as respostas dadas pelos alunos.

As Maneiras de se Lidar Com o Bullying

Para facilitar a tabulação dos resultados, a Autoria deste trabalho optou por dividir as reações das professoras em grupos. Cada um com seus prós e contras, e com maior ou menor grau de eficiência na resolução do problema enfrentado.

“Terceirizando” a Atitude

Quando o professor enfrenta em sala de aula uma situação de conflito, de agressividade ou mesmo de violência pura e simples, é absolutamente legítima a sua atitude de chamar alguém da Coordenação Pedagógica ou mesmo da Administração para ajudar a resolver o problema. Em casos extremos, pode haver até mesmo o ajuntamento de pessoas de outras áreas para auxiliarem na retirada da sala de aula de algum aluno mais teimoso.

É bem verdade, porém, que a Direção e a Coordenação Pedagógica, tendo já suas atribuições e afazeres próprios, costumam instruir os docentes a tentarem, na medida do possível, resolver a questão eles mesmos, pedindo ajuda apenas em casos realmente difíceis. A autonomia do professor varia conforme a maneira como a escola é dirigida/coordenada, mas normalmente essa autonomia existe em nível suficiente para que o professor seja capaz de resolver ele mesmo os problemas mais simples. Ocorre, porém, que nem todos os professores têm a habilidade de exercer a autoridade que eles já possuem. Corriqueiramente, esses profissionais são rotulados como professores que não tem “domínio de sala”.

Nessa categoria – de chamar alguém para ajudar a resolver o conflito – há algumas respostas de fácil interpretação e análise, que nem chegam a carecer de maiores comentários:

Chamando o Diretor.

A professora pede pra ficarem quietos e chama a diretora.

Leva para a secretaria.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

Leva para secretaria e dá advertência.

Chamando a Atenção

Alguns professores, justamente buscando exercer sua autonomia, direito legítimo seu, tentam conscientizar o aluno de que aquilo que ele está fazendo não é correto. A tentativa, por meio de uma conversa, quase sempre informal, para deixar o aluno o menos constrangido possível, é no sentido de mostrar que o comportamento em questão fere os princípios da vida em sociedade. Evidentemente cada professor tem o seu jeito de conversar com o aluno, e é claro, também, que cada “plateia”, com sua faixa etária e bagagem cultural específica, exige um vocabulário diferenciado. Cabe ao professor decidir qual a melhor maneira de efetivar essa conversa.

Outro procedimento bastante comum, este mais severo e rígido que o outro, é o de “chamar a atenção”. Trata-se de uma repreensão normalmente leve, mas não tanto quanto a “conversa” referida anteriormente. O aluno precisa, ao contrário da situação anterior, sentir-se ligeiramente constrangido, até para que não repita o ato que o levou a tal constrangimento. Trabalha-se o psicológico do aluno: ninguém gosta de se sentir envergonhado ou confrontado diante dos colegas. É preciso, porém, ter extremo cuidado, principalmente entre alunos de tenra idade, para não exagerar, o que pode causar traumas tão intensos quanto os causados pelo próprio bullying. Não se trata, de modo algum, de instaurar um clima de terror e medo entre os alunos. Como já se disse aqui, o professor precisa ganhar o respeito dos alunos diante de sua autoridade, não o medo descontrolado de um tirano.

Nesse tipo de atitude, as respostas também não tem quase nenhuma variação:

A professora chama a atenção.

Quando um colega chama uma colega de apelido, a professora chama a atenção para não fazer mais isso.

Ela não gosta. A professora conversa e dá advertência ou faz o relatório da aula.

Ela resolve conversando.

Ele resolve conversando com os alunos e dando conselhos para eles.

Conversando com os alunos que puseram os apelidos.

É interessante notar que, para alguns alunos, mesmo entre os mais “bagunceiros” e agressivos, costuma existir uma ligação afetiva maior ou menor com relação à figura do

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

docente. Geralmente, as classes do Ensino Fundamental I têm professoras, pois em teoria existe a crença de que o sexo feminino é o mais indicado para a ministração de aulas para essa faixa etária. *Teoricamente*, a figura feminina causa menos impacto (leia-se medo) nas mentes infantis – embora haja muitas e lamentáveis exceções. Logo, pode haver, inclusive entre alunos difíceis, certa preocupação em não magoar a “tia”, em não ofendê-la, existindo mesmo uma preocupação com os sentimentos dela. A professora experiente, ou aquela que, a despeito de seu pouco tempo de ofício, percebe a realidade com alto grau de acerto, sabe usar isso a seu favor. É um lugar-comum terrível, mas altamente eficaz, mostrar ao aluno que “a tia não gosta” daquilo que o aluno fez. Ele, por sua vez, tende a ficar envergonhado de seu ato, e procura não repeti-lo, se não por outro motivo, pelo menos para não fazer a “tia” ficar “triste”.

Uma das características das “conversas” com os alunos é a existência do “conselho”, que segundo o dicionário é o “parecer ou opinião que se emite; admoestação; aviso; prudência” (BUENO, 1975, p. 341). Trata-se de um pedido sutil, na verdade algo que se espera que a pessoa faça, mas sem o caráter autoritário de uma ordem. No caso do “chamar a atenção”, não há conselhos, e sim admoestações mais severas, ligadas geralmente a alguma punição no caso de desobediência. Tanto isso é verdade que, nesses casos, geralmente a “chamada” vem acompanhada de algum tipo de advertência formal, geralmente escrita, a ser encaminhada aos pais para que estes tomem as providências que julgarem necessárias. (E aqui o fator familiar atua de diferentes formas, conforme a severidade, a liberalidade ou a indiferença dos pais/responsáveis: alguns punem com rigor excessivo, o que causa danos à personalidade da criança; outros tomam conhecimento da situação e nada fazem, o que dá aos filhos a falsa impressão de que podem fazer o que quiserem impunemente; e há quem nem sequer se dê ao trabalho de saber o que aconteceu, numa atitude de ausência que normalmente provoca a rebeldia das crianças e adolescentes conscientes de que a família “não liga” para eles. As três situações têm seu peso no comportamento do aluno em sala de aula e, futuramente, do cidadão vivendo em sociedade.)

A Advertência Formal

Geralmente acompanhando o ato de “chamar a atenção”, a advertência formal é motivo de terror para boa parte dos alunos numa faixa etária menor. À medida que vão crescendo, parece que os alunos tendem a se importar cada vez menos com esse expediente. No Ensino Médio, praticamente todos os alunos que chegam a receber uma advertência desse

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

tipo não ligam a mínima para o ocorrido, embora, na maioria das vezes, seus pais se importem...

Mas, para as crianças, normalmente a advertência assume uma importância muito maior do que na verdade tem. Parece, para boa parte dos alunos do Ensino Fundamental I, que aquilo manchará para sempre seu currículo escolar, algo a ser evitado a todo custo. Evidente que não se quer aqui dizer que aqueles alunos reincidentes na agressividade, no bullying e na violência se importem realmente com advertências de qualquer tipo. Mas, no geral, esse documento provoca grande incômodo para alunos mais jovens.

As respostas obtidas nessa categoria foram:

Dando advertência ou até dando suspensão.

Dando uma advertência pra ele ou uma repreensão, uma suspensão e transferir o colega que está agredindo a pessoa.

Percebe-se que a reincidência obstinada na prática de atos condenados pela escola pode levar a um aumento da punição, e a simples advertência pode se tornar uma suspensão, geralmente de três dias letivos. Depois de cumprida essa pena, o aluno que insista em seu comportamento inadequado pode ser eventualmente expulso da instituição. Normalmente é esse o procedimento adotado pela Direção Escolar, embora varia muito a maneira como essa progressão é aplicada. Via de regra, três advertências levam a uma suspensão e três suspensões, à expulsão. Mas, como se disse, há uma grande variação nos critérios para a aplicação da punição.

Há também uma outra saída, bastante paliativa e geralmente de pouca eficácia, que é transferir de sala o aluno que está incomodando alguém. Como normalmente não há nenhum problema pessoal entre vítima e agressor, mas o simples prazer de humilhar o outro, o aluno infrator escolherá, na sala para onde for transferido, novos alvos para a sua violência.

Casos Especiais

Há alguns casos em que a atitude adotada pela professora não se encaixa em nenhuma das categorias acima. São os chamados “casos especiais”, que têm mais a ver com a personalidade do docente do que com qualquer outro fator. Nessa classificação, quatro respostas chamaram a atenção da Autoria deste trabalho.

A primeira: “*A professora fala para falar para ela que ela resolve*”.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

O aluno deixa claro que a professora em questão quer preservar sua autonomia e sua autoridade, evitando que o problema ultrapasse os limites da sala de aula e chegue à Coordenação ou à Diretoria, a não ser por meio de um relatório elaborado por ela. Procedimento à primeira vista correto, mas é curioso notar que o aluno não diz que ela efetivamente resolve o problema, mas que promete fazê-lo. Se houvesse a possibilidade de aprofundar essa questão com novas perguntas, seria algo bastante interessante, sem dúvida.

Outra resposta intrigante para a pergunta “*Quando alguém coloca um apelido em um aluno e esse aluno não gosta, como a professora resolve o problema?*” foi dada por um aluno que escreveu: “*Tirando o apelido*”.

Como seria esse ato de “tirar” o apelido? Não se trata, evidentemente, de uma coisa concreta que se possa tomar nas mãos e mudar de lugar. Provavelmente, a professora faz uso de metáforas e modos de dizer para “remover” da mente do aluno agredido o trauma de ter recebido o apelido indesejado. E ao mesmo tempo, quem sabe, usa esse expediente para mostrar ao aluno agressor que o apelido dado ao outro “não pegou”, que não surtiu o efeito que ele, o praticante do bullying, esperava. Em outras palavras, o sadismo não foi satisfeito e ainda ficou o ofensor com a desagradável sensação do fracasso de sua investida.

Mas tudo isso são suposições e hipóteses, o ideal seria aprofundar a questão, como no item anterior, o que, infelizmente, não é possível, dada a exiguidade do espaço e o tema abordado por este trabalho.

Duas respostas, inseridas nesta classificação à parte, preocupam mais do que as outras vistas até aqui. A primeira refere-se ao comportamento de alguns alunos, e a segunda, pior ainda, à atitude aparentemente inadequada do professor. Um dos alunos afirma: “*Não, tem uns alunos que não gostam que a professora resolva os problemas na escola*”.

Que situação é essa? Será que o aluno se expressou mal, ou ele realmente quis dizer que há alunos na sua sala de aula que buscam a manutenção da situação de conflito, talvez até mesmo dificultando a ação conciliatória da professora, sendo obstáculos para a recuperação da harmonia perdida? Na verdade, não é difícil imaginar tal contexto, uma vez que, obviamente, aqueles que praticam o bullying não querem outra coisa a não ser um estado de permanente impunidade, para que possam continuar a praticar seus atos violentos. Mas a resposta, infelizmente, não deixa clara – nem era esse o objetivo da pergunta elaborada no questionário – se a professora reprime essa postura ilegítima, se trata com rigor esses alunos favoráveis a um panorama de injustiça, ou se tolera que esse descontentamento seja expresso de forma evidente.

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

E a última resposta analisada aqui é verdadeiramente desanimadora para tantos quantos verdadeiramente se preocupem com a Educação e seus sistemas. Afirma certo aluno:

Ela só fala algumas coisas para o aluno e está resolvido, e depois os meninos começam de novo e ela só fala a mesma coisa e que não quer mais saber disso.

Provavelmente, aquilo que o entrevistado chama de “algumas coisas” que a professora fala para o aluno infrator é algo totalmente sem efeito, uma vez que a situação se repete, aparentemente logo em seguida. E uma vez comprovado que o primeiro procedimento não surtiu qualquer efeito positivo, seria de se esperar que a professora usasse outro método, mais severo, da segunda vez. Palavras do aluno: “*ela só fala a mesma coisa*”.

É evidente que, se da primeira vez, não funcionou, da segunda as coisas não serão diferentes, talvez a eficácia seja ainda menor, uma vez que os alunos já perceberam que absolutamente nada acontecerá com eles em virtude de seu comportamento. Acrescenta a professora que “*não quer mais saber disso*”. A pergunta aqui poderia ser: Que peso tem isso para um aluno avesso às regras e sem o menor respeito pela dignidade de seus colegas?

As variantes que influem no despreparo de determinado professor em sala de aula são tantas e tão variadas que sua análise não cabe neste trabalho. Existe a questão da baixa qualidade de alguns cursos que deveriam qualificar o professor, algo que tem sido energicamente combatido pelo Ministério da Educação, e os testes por que passam os cursos preparatórios de terceiro grau vêm mostrando que alguns deles não cumprem as metas deles exigidas. A extinção de alguns cursos por meio do seu descredenciamento mostra que as autoridades ligadas à Educação não estão brincando – nem poderiam – com um assunto tão sério.

Há também o descomprometimento do profissional, num claro exemplo de que há pessoas abraçando profissões para as quais não têm o menor talento ou habilidade. Há os motivos de ordem pessoal, geralmente emocional ou psicológica, que influem em dado momento da carreira do professor. Mas, neste caso, trata-se de um fenômeno localizado, pontual, e de duração restrita. Por exemplo, se um professor passa por um trauma intenso, como a perda de um ente querido, suas aulas podem ficar comprometidas, embora tivessem alta qualidade em situações normais. Nesse caso, é preciso que haja um acompanhamento qualificado para que se resgate a utilidade e a auto-estima desse profissional.

O leque se abre mais com razões externas e estranhas à sala de aula, como os salários considerados insuficientes pelos trabalhadores e incompatíveis com as tarefas exigidas. Mas é

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

claro que a insatisfação com os salários tidos como baixos não justifica de modo algum a atitude de prestar um serviço de baixa qualidade. Infelizmente, isso acontece bastante, não só entre os professores, mas em todas as áreas profissionais.

Independente de qual seja a razão para que a professora tome atitudes que não resolverão o problema, permanece o fato de que tal modo de agir somente trará prejuízos à formação da personalidade do aluno, e atingirá fatalmente os dois lados envolvidos. O aluno agressor estará, inevitavelmente, seguro de si e confiante em uma impunidade que somente fará com que ele piore seu comportamento e se torne cada vez mais agressivo. Quanto à vítima, sentir-se-á sozinha e abandonada, entregue à própria sorte diante de um inimigo contra quem não pode reagir, e finalmente se tornará uma pessoa absolutamente descrente de valores como a Justiça e as leis que deveriam reger uma sociedade em que todos são iguais.

De modo geral, as respostas dadas não deixam de preocupar, a começar pelo primeiro item, referente ao desconhecimento, da parte do aluno, do que é um tipo de violência sofrida por ele mesmo. Ligando a primeira à última questão proposta, percebe-se que o aluno desconhece o conceito de bullying – e provavelmente de muitos outros conceitos que deveria conhecer – devido à falta de preparo de alguns professores. É clichê dizer que há muito a se fazer pela Educação, mas isso não deixa de ser uma grande verdade. Resta a esperança de que as ações já colocadas em andamento e outras que eventualmente venham a surgir possam corrigir o problema, para o bem das futuras gerações, a quem se possa legar uma sociedade mais justa

Considerações finais

Depois de analisar detidamente alguns pontos relacionados à questão da violência de modo geral, e de focalizar em aspectos mais específicos dessa prática nociva ao convívio social, direcionando o foco para o meio escolar, pode-se chegar a algumas conclusões a respeito do problema.

Se as vítimas do bullying sofrem com a ação de seus algozes, e são torturadas psicológica e fisicamente por eles, é inegável que existe por trás de sua ação passiva muito mais do que a princípio pode parecer. Por que um aluno que é humilhado não reage? Por que aceita passivamente os apelidos, os roubos e as agressões verbais e físicas? O primeiro motivo, que salta aos olhos de qualquer observador, mesmo o menos experimentado ou experiente, é o medo. Geralmente, a vítima tem menor estatura ou menos massa muscular do que seu agressor, o que encoraja este a prosseguir com a ação violenta. Mas não é só o

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

aspecto físico que conta. Agindo espertamente, o agressor pode ter como alvo alguém maior e mais forte, e, nesse caso, compensa essa desvantagem inicial com a aquisição de comparsas para sua ação hedionda. A vantagem volta para o lado “do mal”, por meio do elemento numérico.

Mas, ainda que o sádico seja mais forte fisicamente, ou que um grupo de opressores esteja em superioridade numérica, ainda assim as vítimas poderiam reagir, *se tivessem o apoio de outras pessoas, se tivessem alguém do seu lado para dar equilíbrio aos pratos dessa balança francamente desfavorável.*

Essa é a verdadeira questão, que passa despercebida para a maioria dos leigos e para boa parte dos estudiosos. A impunidade existe, isso é um fato. Mas isso ocorre porque as pessoas que ocupam cargos que lhes permitem tomar atitudes no sentido de acabar com essa impunidade nada fazem, ou agem de maneira equivocada ou ineficaz. O aluno que sofre com o bullying na escola, mesmo que tenha em seu oponente uma pessoa mais forte fisicamente, ou mesmo vários agressores, certamente teria a coragem de reagir e buscar seus direitos se tivesse a certeza de contar com o apoio real e irrestrito da escola e da família, até as últimas consequências. Mas, na prática, são raríssimos os casos em que isso ocorre.

Por outro lado, salvo os casos de maldade congênita, no sentido dicionarizado, que é “*nascido com o indivíduo; qualidade ou defeito de nascença*” (BUENO, 1975, p. 338), ou aqueles em que essa crueldade é inerente ao aluno – casos, inclusive, de tratamento –, existe uma série de fatores que podem ser causadores diretos ou indiretos do comportamento dos alunos que fazem do bullying uma espécie de esporte sinistro. Evidentemente não se pretende aqui desculpar e muito menos justificar essa prática horrível, mas não se pode negar, tampouco, que uma criança que sofre maus-tratos em casa tem muito mais chances de desenvolver um comportamento violento na escola do que aquela que cresce num ambiente de proteção, carinho e compreensão. A escola não tem como controlar uma situação dessas, e menos ainda de resolver um problema tão grave; na maioria dos casos, não tem nem mesmo acesso à informação de que os maus-tratos ocorrem.

Como se vê, os aspectos envolvidos são muitos e complexos em sua constituição individual, pois cada caso tem suas características próprias, e mesmo duas situações iguais no modo de ocorrência podem variar na intensidade dessa ocorrência, exigindo procedimentos diferenciados na busca da solução dos problemas.

Mas não se pode nem se deve pensar na questão da violência em ambiente escolar, e mais especificamente na problemática do bullying, como se houvesse apenas dois pólos envolvidos, dois extremos que têm, cada um, o seu ponto de vista e as suas características

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

cheias de prós e contras. Na verdade, a figura geométrica mínima a se utilizar seria um triângulo, pois há, na menor das estimativas, três lados envolvidos. Seriam, nessa simplificação, em primeiro lugar o aluno (entendido aqui tanto o agressor quanto o agredido) como primeiro vértice desse triângulo. O segundo canto da figura seria a família (seja no modelo tradicional, com o casal heterossexual, ou apenas o pai ou somente a mãe, ou ainda um responsável legal – parente ou não – e, abarcando todas as possibilidades, o casal homossexual masculino ou feminino que tenha adotado uma criança e dela cuide, em países onde isso seja legalmente possível). A terceira aresta é justamente a escola, palco onde se desenrola esse drama, que às vezes descamba para a tragédia. E é justamente na escola que às vezes podem ser encontradas razões para que a situação de violência tenha chegado ao ponto a que chegou.

Retomando os questionários utilizados neste trabalho, percebe-se a situação de despreparo de que, teoricamente, está trabalhando no sentido de preparar a criança para conhecer seus direitos e deveres, cumprindo com estes e buscando aqueles quando isso se faz necessário. Um professor que tem entre seus alunos casos de bullying e jamais comentou com a classe qualquer tema ligado a essa prática, e, pior ainda, nem mesmo se preocupou em mencionar a existência desse desagradável fenômeno social às crianças deixadas sob seus cuidados durante o horário letivo, é um profissional capaz de contribuir mais para a manutenção do problema do que para a sua erradicação.

A escola que não tem mecanismos para enfrentar as formas de violência ocorridas em seu interior falha nos objetivos a que se propõe. Escolas particulares costumam ter entre seus funcionários psicólogos para ajudar nos casos de alunos desajustados, num acompanhamento que inclui a família e o meio em que a criança ou adolescente vive fora dos muros da instituição escolar. Abrindo parênteses para a menção de um problema paralelo diagnosticado durante a aplicação dos questionários, percebe-se que há uma deficiência enorme no processo de alfabetização, que se verifica ao longo de toda a jornada escolar do estudante, até os bancos das universidades: alunos de 4º e 5º Anos não precisam ser redatores geniais, nem elaborar respostas praticamente perfeitas de acordo com a norma culta. Mas, analisando o que os alunos escreveram no anexo sem correção ortográfica, percebe-se que o nível está bem abaixo do que seria aceitável. Há duas, talvez três honrosas exceções em meio a 20 questionários, o que daria 20% ou um pouco mais de alunos com uma média satisfatória. Mas, no geral, sabe-se que essa porcentagem é muito menor que isso. Então, pergunta-se: do aluno que já deveria ter um domínio razoável da língua materna, e não o tem, pode-se esperar que esteja antenado com os fenômenos sociais como o bullying? Pode-se esperar que esse aluno

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

detenha as condições necessárias para se defender no caso de um ataque verbal ou físico? Nos dois casos, o ônus é praticamente todo da escola, mesmo que se tenha em mente que a educação, entendida como a aceitação de um grupo de valores morais, venha de casa.

A escola tem um poder enorme, que não chega a usar, talvez porque seus agentes ignoram que o possuem. A escola, utilizando a contento os recursos de que dispõe – e mesmo as escolas públicas atualmente dispõem de recursos, por mais que os descontentes de plantão tentem dizer o contrário –, pode ser o maior entre todos os formadores de opinião.

Omissa nesse aspecto, a tendo como aliada uma família normalmente omissa, a escola abre caminho para que a personalidade das crianças seja moldada pela internet, pela televisão e pelas companhias nem sempre recomendáveis. O bullying, num contexto como esse, é até uma consequência tão compreensível quanto inevitável. Mas ainda há tempo para a reversão desse quadro. Basta que haja empenho da parte de quem tem a máquina pedagógica em suas mãos. Talvez seja mesmo um caso de ignorar os elementos que compõem o problema, e, nesse caso, trabalhos como o presente têm a humilde missão de ajudar a clarear a visão panorâmica do fenômeno social estudado, no caso o bullying.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violência nas escolas**. Brasília: Unesco. Instituto Ayrton Senna. Unids. Banco Mundial. Usaid. Fundação Ford. Consed. Undime. 2004.

AMORETTI, R. **Bases para a leitura da violência**. Psicanálise e Violência. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. (org.): **Psicanálise e violência metapsicologia – Clínica – Cultura**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1992.

AQUINO, Júlio Groppa. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas- organização** - São Paulo: Summus, 1996.

ARAÚJO, Carla. **A violência desce para a escola; suas manifestações no ambiente escolar e a construção da identidade dos jovens**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

_____. **Indisciplina na Escola** - alternativas teóricas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004).

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 9. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1975.

BYDLOWSKI, Lizia. “A vida como ela não é”. In: revista **Veja**, edição de 3 de dezembro de 2008. São Paulo: Abril, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Resistência: Aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2001.

ECA - Estatuto da criança e do adolescente, **Lei Federal 8069/90**. Brasília: Imprensa Oficial, 1990

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: como prevenir nas escolas e educar para paz**. 2. Ed. rev.. e ampl. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005

IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - 2011

- FACHINI, Natal. Enfoque psicanalítico da violência social. In: AMORETTI, R. **Psicanálise e Violência**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- FUKUI, L. Estudo de caso de segurança nas escolas públicas do Estado de São Paulo. **Ideias**, São Paulo, n.21, 1994.
- GAIMAN, Neil. **O adolescente (im)perfeito**. São Paulo: Alternativa, 2009.
- GUARESCHI, Pedrinho A.; SILVA, Michele Reis da (Coord.). **Bullying: mais sério do que se imagina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. 100p.
- GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- GUIMARÃES, Áurea M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade**. Campinas, São Paulo: Autores associados. 1996. (Coleção Educação Contemporânea).
- HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Ediouro Tecnoprint, 1999.
- _____. **Odisseia**. São Paulo: Ediouro Tecnoprint, 1999.
- KÜNZEL, Jaqueline. Violência Social. In: FLEIG, Mario (org.) **Psicanálise e Sintoma Social**. S.l: Unisinos, 1999.
- LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- MAFFESOLI, M. **Dinâmica da violência**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1987.
- _____. in: GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
- ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- PESQUISADORES do CRISP/UFMG traçam perfil da violência e suas consequências no cotidiano das escolas de Belo Horizonte. Disponível em: www.observatoriodainfancia.com.br.
- SILVA, Nelson Pedro. **Ética, Indisciplina & Violência nas escolas**. Petrópolis: Vozes, 2004.